

WTR00396

# Vaimiris suportam provações e sobrevivem com valentia

Orlando Farias

MANAUS — Parte de uma população que se esvai e corre cada vez menos nas veias do Brasil, os índios vaimiris-atroaris do Amazonas e Roraima vêm querendo inverter a tendência de esmagamento cultural e destruição que perdura sobre esses povos. Nos últimos quatro anos, esses índios negaram todas as provisões antropológicas de extinção com a inundação de suas terras pela hidrelétrica de Balbina, pela ação de mineradoras e da BR-174, que rasgou seu território.

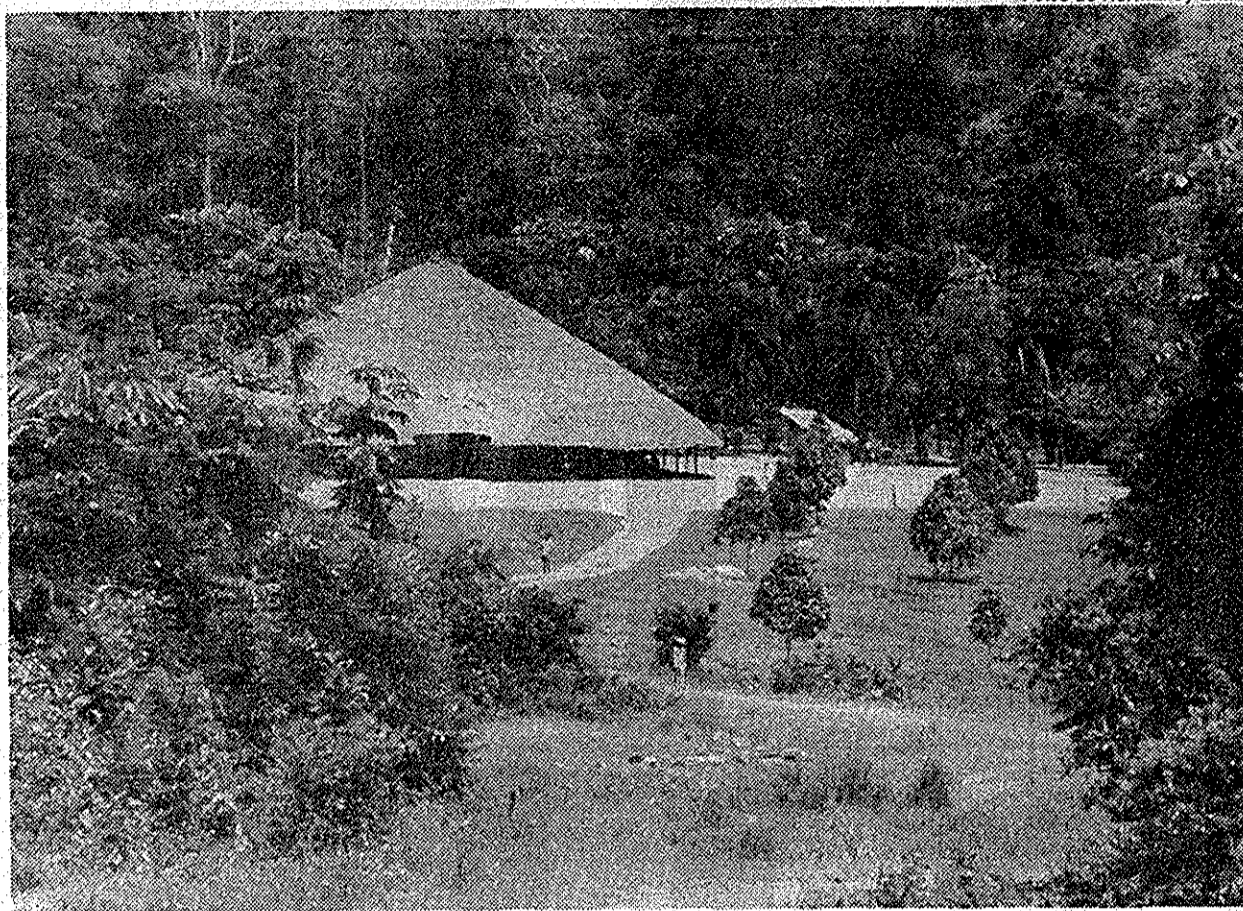
Reduzida nos anos 70 de 2 mil a pouco mais de 300 índios, a tribo iniciou o ano de 91 com uma grande festa para saudar o nascimento do 500º vaimiri, contabilizando um número intrigante até mesmo para a Funai: uma taxa de crescimento demográfico de 7% ao ano, 5% mais alta que a da própria população brasileira. Intrigante ainda é o fato de a mortalidade infantil ter desaparecido. Nos últimos quatro anos, não houve registro de uma só morte provocada por moléstias ou doenças tropicais da região. O único óbito, registrado ano passado, ocorreu por acidente de barco nas corredeiras do rio Alalaú.

Nada disso ocorreu por milagre, mas pela maneira nada dócil com que os vaimiris enfrentam os perigos e adversidades. E pelo programa de saúde especialmente desenvolvido para eles. Em 400 anos de guerra santa contra os índios, nunca os colonizadores — de ontem ou de hoje — conseguiram curvar a nação Vaimiri-Atroari à submissão imposta aos outros povos da Amazônia. Esse caráter de guerreiros, ou de brabos, como eles se orgulham ser, ganhou notoriedade internacional em 69, quando os vaimiris massacraram a expedição do padre italiano Giovane Calleri, com nove pessoas.

"Nas buscas realizadas pelo Parar aos membros da expedição do padre Calleri, nas matas da região, os índios não se escondiam, como ocorria com qualquer outra tribo ao avistar um avião militar. "Eles socavam o ar, atravavam flexas e chamavam os militares para a guerra", narra o jornalista Abrahim Aleme, ex-correspondente do JORNAL DO BRASIL no Amazonas, que, junto com o fotógrafo Orlando Ali, acompanhou as operações militares para localizar os corpos trucidados na floresta.

O mesmo espírito guerreiro domina o dia-a-dia dos vaimiris. Sempre preparados para o ataque do inimigo, os índios não bebem, não fumam, andam sempre muito bem armados com facões, arcos, flechas e espingardas para a caça e nunca fazem caminhadas sozinhos. "Eles são muito unidos, e isso também é essencial para explicar como tiveram condições de sobreviver aos vários genocídios praticados nos últimos 300 anos e conseqüentemente também muita astúcia para produzir baixas no inimigo", diz o agrônomo Marcílio de Souza Cavalcante, 26 anos, há três entre esse povo.

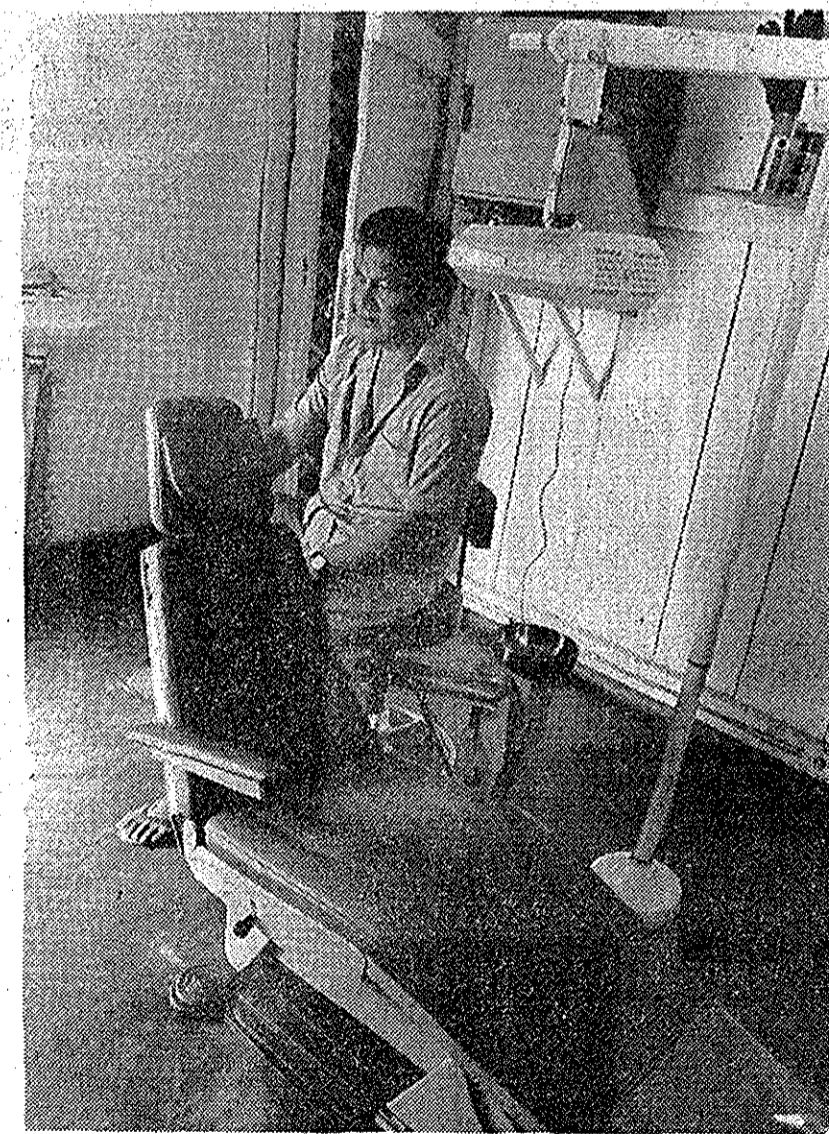
Segundo Marcílio, surgem pequenas desavenças vez por outra, no final de uma partida de futebol. "Eles não sabem perder e são capazes de jogar uma tarde inteira se estiverem perdendo, para empatar e vencer o jogo". Mesmo nas tradicionais *marbas* (festas), os índios jamais foram vistos ingerindo alucinógenos comuns às demais tribos, embora ninguém possa assegurar que esse hábito não faça parte do seu vasto universo cultural. A dúvida é porque "eles são muito fechados culturalmente e mantêm pelo menos 80% de segredo sobre tudo que diz respeito às suas vidas", diz o professor Dalvo Cruz, 28 anos, envolvido com mais 10 professores numa pesquisa linguística para sistematizar uma escrita da língua dos vaimiris. Só 5% mais ou menos desse povo fala o português "em situações absolutamente necessárias". O restante, segundo Dalvo Cruz, fala somente o vaimiri.



Aldeia Taquari, onde o visitante é bem recebido, desde que não insista em catequizar



A mortalidade infantil praticamente desapareceu das aldeias vaimiris-atroaris



Programa de saúde em troca da inundação de Balbina

Fotos de Normandy Litalf

## Indenização por invasões

Nas raras *marbas* que reúnem os 517 índios habitantes de 11 aldeias diferentes, num área de 2,5 milhões de hectares, é outra vez a imagem da luta, da resistência e da ferocidade que domina o ritual. Na última, realizada no dia 12 de janeiro para comemorar o nascimento do 500º vaimiri, o menino Darkva, hoje com 8 meses, a festa só ocorreu porque se tratava de um menino. "Se fosse *mulhê* num teria *marba*. *mulhê* não é pra sê guerreira. Homem é que tem que sê", destaca Viana Atroari, um dos *tuchaus* da tribo: "Nossos curumins tão sendo preparados pra guerra como os pais de nós fizeram".

O massacre da expedição do padre Caléri, em 69, deu notoriedade aos vaimiris como índios bárbaros, mas chamou também a atenção da opinião pública mundial sobre a invasão de suas terras. "Quando nós *vimo* o primeiro *tratô* invadir nossa terra, *pensamo* que era bicho vindo *cumê* a gente", conta outro *tuchau*, Tomás vaimiri, da aldeia Taquari, uma das duas transferidas de seus locais de origem dias antes de serem inundados pelo lago que se formou para a hidrelétrica de Balbina. Cerca de 30 mil hectares de terra dos vaimiris ficaram dentro d'água.

Beirando os 50 anos, Tomás é um dos líderes dos dois grandes massacres ocorridos durante a construção da estrada - o outro foi contra funcionários da Funai, com três mortes, incluindo o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo, em 1976. Ele relata esses feitos com visível emoção de quem expulsou invasores de suas terras. "Eu matei padre Calleri *purquê* explorava índio e Gilberto *purquê* também era *kamia* (branco)", diz o chefe indígena, avisando que "o garimpeiro que *entrá* na terra de índio no alalaú vai ficar por aqui mesmo".

Os dois massacres continuam sem explicações mais convincentes, embora notícias divulgadas na época responsabilizassem padre Giovane Calleri por inexperiência indígena e o sertanista Gilberto Pinto de ter atraído a ira dos vaimiris

quando, no ano anterior à sua morte, trouxe a Manaus o mais guerreiro dos vaimiris, o *tuchau* Morôaga, e o levou a passear de helicóptero. Teria sido uma grande humilhação saber que Morôaga voara no mesmo "passaro metálico" que "jogava bombas nas aldeias e matava índio como se mata formiga", lembra Tomás.

A Demarcação — Como consequência das pressões internacionais contra o governo brasileiro, a área vaimiri-atroari foi demarcada e homologada em 87, no governo José Sarney e a Eletronorte decidiu indenizar os vaimiris com US\$ 469 mil e um programa de saúde e educação dos índios pelo prazo de 25 anos.

"Sem isso, dificilmente o Banco Mundial liberaria novos investimentos para projetos hidrelétricos na Amazônia", lembra o gerente do Programa vaimiri-atroari, instalado em 87 pela Funai e Eletronorte, Raimundo Nonato Corrêa, 41 anos. Na mesma época, a mineradora Taboca, do grupo Pararápema, que explora cassiterita ao lado da reserva e participa com 40% de todo o estanho mundial, foi obrigada também a indenizar mensalmente os índios pelo uso de uma estrada de 38 quilômetros dentro das terras vaimiris. O demonstrativo do programa mostra que a Taboca depositou no mês de agosto Cr\$ 4,6 milhões.

Com isso, os índios adquiriram um nível de vida superior a todas as comunidades indígenas da Amazônia. A tribo tem oito carros novos para usar dentro da aldeia, professora e enfermeiro em cada aldeia, médico no núcleo central da reserva, 12 deslizados equipados com motor, 12 estações de rádio e dois postos de proteção nas fronteiras de Roraima, onde a presença dos garimpeiros é marcante e sempre ameaçadora. Essa parte da reserva serve também de refúgio para um dos últimos povos indígenas sem contato com a sociedade, os pirititis quase exterminados pelos próprios vaimiris-atroaris em enfrentamentos constantes em meados desse século.

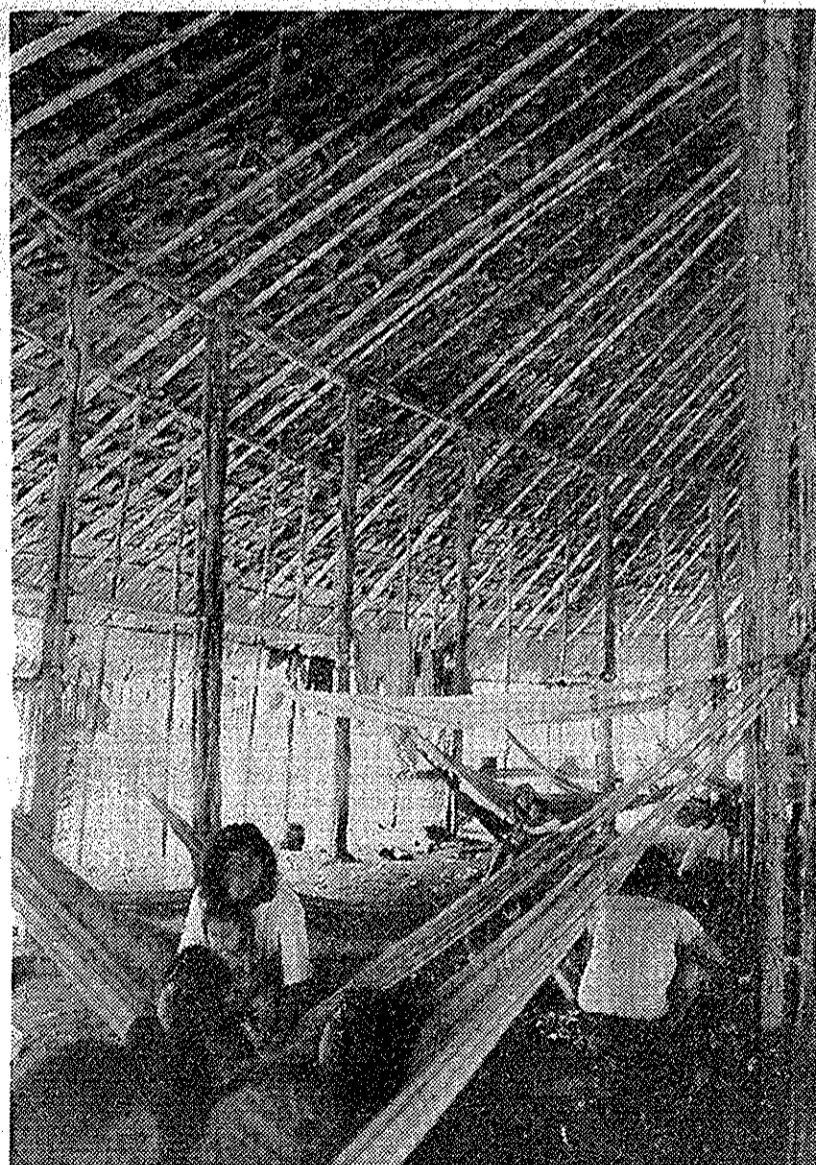
## Minério rico fica ao lado

O Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) conserva em sua sede em Manaus uma série de solicitações de alvarás de lavra de minérios em terras vaimiris-atroaris, negadas ao longo dos últimos anos por inconstitucionalidade, já que a reserva pertence legalmente aos índios e nela o governo não mais pode interferir. Há cassiterita ao lado da reserva, numa área que pertencera aos vaimiris, segundo o *tuchau* Viana Atroari, depois deixada fora da reserva com a demarcação.

"É claro que nós tem muito minérios, mas *num precisamos mexer nele*", atesta Viana, mais preocupado em aumentar o rebanho bovino com 165 reses. Os índios nem examinam a possibilidade de fazer acordos com garimpeiros e mineradoras para a exploração dessas riquezas em suas terras. "Eles não querem repetir a experiência dos caiapós, no Pará, que cederam suas terras para garimpeiros e viram suas terras e rios mergulhados em destruição ambiental", afirma o gerente do Programa Vaimiri-Atroari. Nonato Corrêa.

Se esses índios nunca deixaram de se preparar para a luta, é provável que tenham já nos próximos dias que enveredar por novas batalhas, provavelmente de natureza judicial e política, a julgar pela declaração do secretário estadual do Meio Ambiente e Tecnologia, José Belfort, que acha um absurdo o tamanho da reserva, correspondendo a quase 10% de todo o Estado do Amazonas. "Na verdade, temos 52% de todo o Amazonas comprometido por reservas indígenas e ecológicas", protesta, propondo uma revisão dessas fronteiras, que pode vir com a aprovação do Código Amazônico, idealizado pelo governador amazonense Gilberto Mestinho.

Os índios não estão para brincadeira nessa história toda, passada e recente. Basta lembrar sua última grande luta, há 11 meses, quando 300 índios pintados de urucum, como símbolo de guerra, fecharam a estrada da empresa Taboca exigindo valores mais justos para o uso da estrada. A empresa atendeu a reivindicação no mesmo dia e só dois dias depois o tráfego de carretas com cassiterita foi normalizado. Até em simples contatos com funcionários da Funai "eles transmitem agressividade", relata o agrônomo Marcílio de Souza Cavalcante, admitindo que já teve vários incidentes por causa dessa tempera. É também muito difícil a presença até de pesquisadores e jornalistas dentro da aldeia, sempre considerados intrusos. É o que ocorre atualmente com o fotógrafo e professor Marcelo Lunière, 24 anos, que está pela segunda vez na reserva e até agora não conseguiu entrar em duas aldeias localizadas no rio Alalaú.



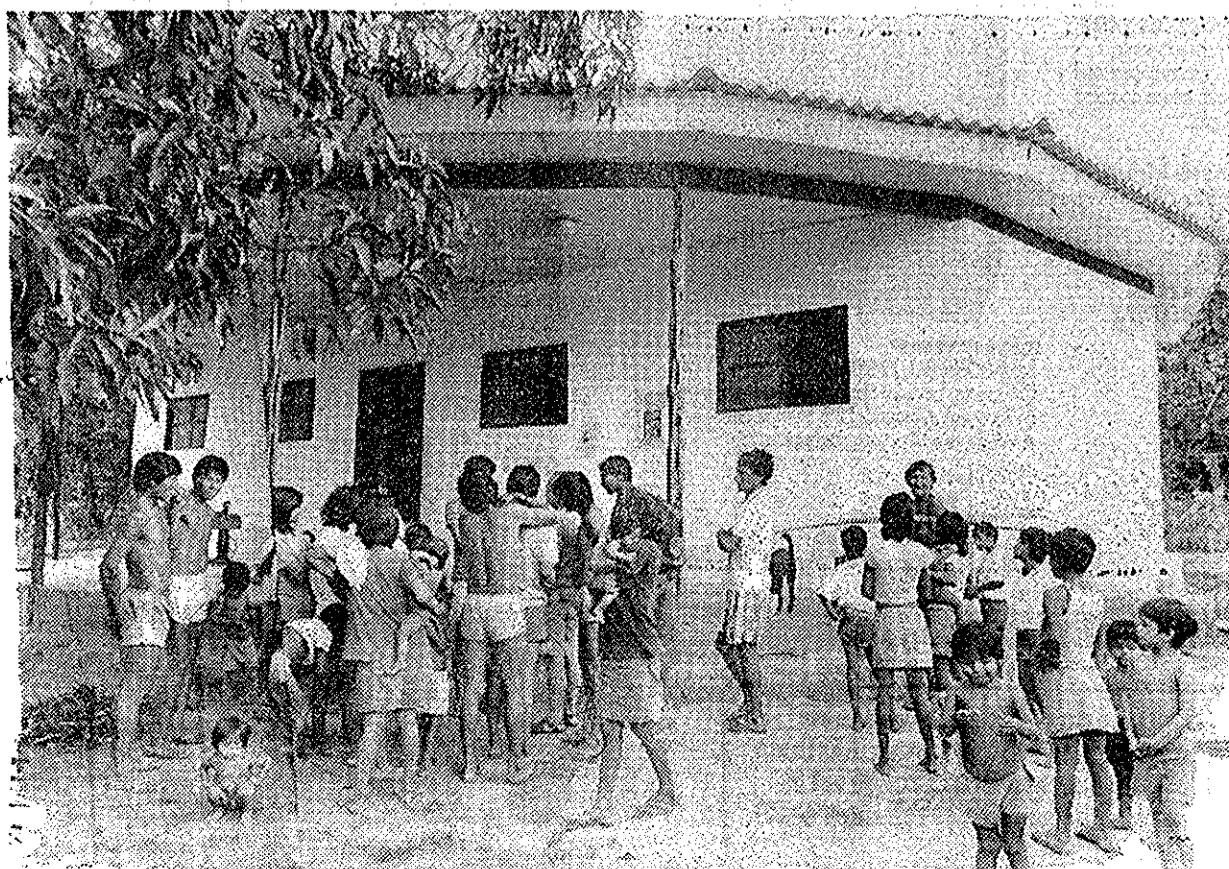
A natalidade cresce no sossego da oca dos vaimiris

## A resistência à dominação

Historicamente, os vaimiris sempre rechaçaram as tentativas de conquista pela espada ou pela Bíblia desde o século passado. O frei Samuel Luciani, vigário da Paróquia da Moura, por exemplo, foi nomeado pelo governo amazonense em 1867 para catequisar os vaimiris. Ele saiu de Moura, a cidade tantas vezes incendiada pelos guerreiros do Alalaú, e tentou várias vezes um contato com os vaimiris, sendo em todas elas hostilizado com os soldados que o acompanhavam.

Nos anos 70, a Missão Evangélica da Amazônia, (Meva), uma das instituições sob suspeita de envolvimento com aeroporto clandestino e pesquisa de minérios conforme informações da CPI da Câmara Federal, aproveitou o espaço deixado aberto pela Prelazia Consolada de Roraima com o fracasso trágico da expedição do padre Calleri.

A Meva tinha, então, a grande chance de produzir um feito de repercussão internacional, evangelizando os índios considerados os mais bárbaros da Amazônia. A tática dessa missão é extremamente sofisticada e, no caso dos vaimiris, imediatamente segura: consis-



Para usar estrada na área indígena, mineradora teve que construir uma casa na aldeia